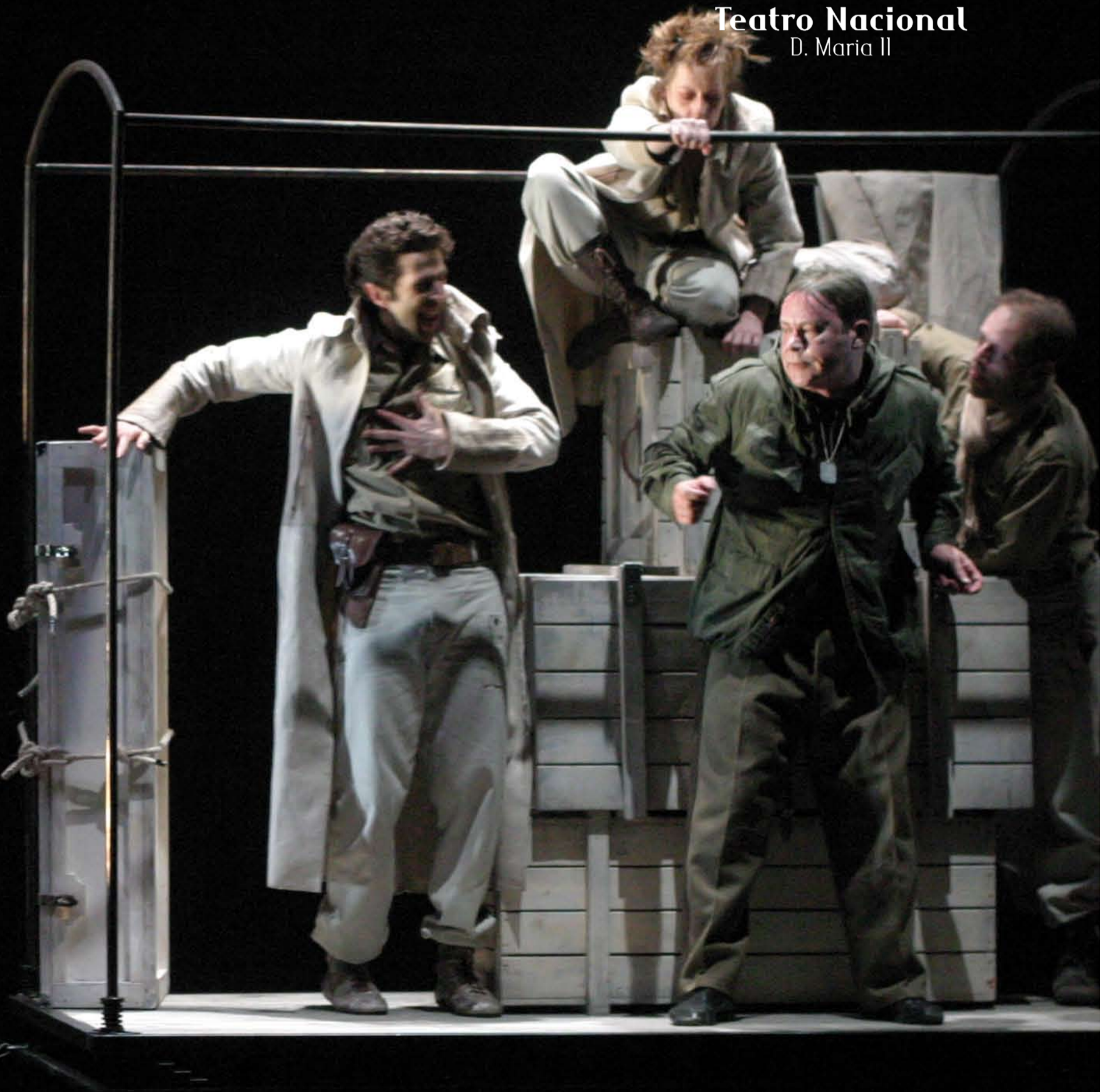


13

JORNAL DO TEATRO
JULHO DE 2007 ^ BIMESTRAL
PUBLICAÇÃO GRATUITA

Teatro Nacional
D. Maria II



Mite'07
mostra internacional de teatro

editorial

MITE:

Um Laboratório de Criação e um Espaço de Cumplicidades

Sempre fomos pródigos em traçar fronteiras a partir da divisão de espaços e geometrias, conferindo a cada território um código e uma identidade própria. Enchemos a terra de fronteiras, como já disse Mia Couto, desde a nossa ancestralidade. E embora se apregoe uma Europa sem fronteiras, os vários territórios continuam a ter dificuldade em co-existirem, alguns são votados à margem da exclusão, outros silenciados. O diálogo entre fronteiras é, mais do que uma troca de saberes, uma troca de afectos e cumplicidades. No entanto, as fronteiras encerram a ambivalência de dividirem e, simultaneamente, unirem. Para essa aproximação pretende contribuir a pluralidade da MITE (Mostra Internacional de Teatro), onde se conjugam textos clássicos, novos talentos dramáticos e importantes peças da dramaturgia contemporânea.

O estabelecimento de uma rede de cumplicidades, que teve início com a MITE'06, conhece agora a sua consolidação, proporcionando um sólido território onde é possível a comunicação entre diferentes estéticas, bem como o incentivo a novos projectos, como "R2", encenado por Nuno Cardoso ou um olhar sobre África com a presença do colectivo guineense «Os Fidalgos» no palco português, com "Namanha Makbunhe". Deste modo, o TNDM II abre o seu espaço, afirmando-se num contexto internacional, sem esquecer a missão de instituição de serviço público como uma estrutura desta natureza exige.

Como afirmámos no ano passado, assumimos a MITE como um espaço de ponte entre os dois grandes festivais de teatro portugueses, o FITEI e o Festival de Almada. No FITEI estivemos presentes com duas produções centradas na dramaturgia portuguesa – "Vermelho Transparente" e "A Filha Rebelde", e, com o Festival de Almada, centramos as nossas escolhas sobre os novos criadores e as novas dramaturgias, ajudando a trazer a Lisboa dois criadores tão significativos na cena teatral internacional e geograficamente tão distantes, como são o lituano Oskaras Koršunovas e o argentino Rafael Spregelburd.

É encarando a MITE não apenas como uma Mostra, mas como um laboratório de teatro do qual nascem experiências conjuntas e uma estimulante cooperação, que temos o prazer de apresentar duas produções da La Comédie de Reims – "Homme pour Homme" e "Un Homme en Faillite". A apresentação, na MITE'06, de "Rhinocéros", de Ionesco, faz, assim, regressar Emmanuel Démarcy-Mota com esta obra maior de Bertolt Brecht, uma enigmática fábula sobre a condição humana, onde sobressai o didactismo brechtiano que gira em torno de uma pergunta: "O que é um homem?". Com o apoio da CULTURES-FRANCE, esta produção surge inserida no programa «Lisboa Teatro Cidade Aberta», em colaboração com o Instituto Franco-Português, integrando o programa cultural da Presidência Portuguesa da União Europeia. Uma produção que abrirá o caminho à estreia, a 20 de Setembro, de "Tanto Amor Desperdiçado", um espectáculo bilingue, encenado por Emanuel Démarcy-Mota, com tradução de Nuno Júdice, que juntará criativos, técnicos e actores de Portugal e França, e que será apresentado em Reims, depois da sua carreira em Lisboa. Para rematar esta colaboração entre os dois países e as duas estruturas de criação, no segundo semestre de 2008, durante a Presidência Francesa da União Europeia, será organizada em França uma Semana do Teatro Português.

A internacionalização, que ultrapassa qualquer posição geográfica, é também conseguida numa produção como "Goldoni Terminus", a partir dos "canovacci" de Carlo Goldoni, em ante-estreia na MITE'07, a ser apresentada no final do mês de Julho na Bienal de Veneza. Mais uma vez, a presença portuguesa sobressai no elenco de actores e na cenografia, unindo ainda três escritores – Rui Zink, Edoardo Erba e Tena Štivičić – e três países – Portugal, Itália e Croácia. Porque queremos que esta seja uma Mostra das mais recentes abordagens dramáticas que vão tendo lugar no estrangeiro, abrimos as portas à Suíça, um país ainda nosso desconhecido, mas onde as novas práticas teatrais têm inscrito o país na cena europeia. Em "Back to the Roots" coloca-se, mais uma vez, a questão dos limites da individualidade e da sua relação com a sociedade. A actualidade do tema está também presente em "Un Homme en Faillite", de David Lescot, um nome revelação do teatro francês. Uma produção que, mais uma vez, não será esquecida no imediatismo do tempo, mas que servirá de pretexto para um conjunto de leituras de outras peças de Lescot, no início da próxima temporada.

Com "Sonho de uma Noite de Verão" recuperamos a presença mais assídua de uma companhia como a Footsbarn Theatre que regressa a Portugal, mais precisamente a Santo André. Esta companhia itinerante, cujo repertório é constituído por teatro popular ou erudito, desde que lúdico, instalará a sua grande tenda (capacidade para 400 lugares) em Santo André. O reencontro, esse é também com Steve Johnson, autor da banda sonora desta produção, a viver actualmente em Portugal, onde dirige o Teatro do Largo, uma companhia vocacionada para a itinerância, e com o AJAGATO de Santo André/Santiago do Cacém, estrutura descentralizada dinamizada por Mário Primo que, para além de um trabalho quotidiano desenvolvido ao nível da criação e da agitação cultural, tem afirmado com dimensão nacional a sua Mostra de Teatro de Santo André.

Ao espectador cabe agora o papel de criar "inter-esse", como disse o filósofo alemão Heidegger no seu livro "O que se chama pensar?". Esse inter-esse que quer dizer estar no meio das coisas, manter-se no coração de uma coisa e permanecer perto dela.

O Conselho de Administração do TNDM II

ficha técnica

DIRECÇÃO > Conselho de Administração do TNDM II

COORDENAÇÃO EDITORIAL > A. Ribeiro dos Santos

REDACÇÃO > A. Ribeiro dos Santos, Margarida Gil dos Reis (colab.),

Ricardo Paulouro, Joana Lopes Vilela (estagiária)

DOCUMENTAÇÃO > André Camecelha, Joana Esteves

GRAFISMO > Nuno Patrício

FOTOGRAFIA > Margarida Dias

PROPRIEDADE > TNDM II, EPE

IMPRESSÃO > Mirandela Artes Gráficas

FOTOGRAFIA CAPA > Jean-Louis Fernandez

sumário

2 > 3 Breve apresentação da 2ª edição da MITE – Mostra Internacional de Teatro

4 > 5 Oskaras Koršunovas revê "Romeo and Juliet" de Shakespeare

6 > 7 Teatro Nacional co-produz com a Bienal de Veneza e celebra o tricentenário de Goldoni

8 > 9 Demarcy-Mota regressa à Sala Garrett, agora com uma peça de Brecht

10 Novas dramaturgias contemporâneas: "Back to the Roots" e "Un Homme en Faillite"

11 Companhia de teatro ambulante faz "Sonho de uma Noite de Verão"

12 > 13 Reportagem: "R2". Nuno Cardoso faz teatro com jovens de bairros sociais / Perfil Os Fidalgos



14 Notícias e lançamentos da Livraria do Teatro

15 Calendário

MITE 2007: O Teatro do Mundo no Nacional, de 16 a 28 de Julho

A MITE – Mostra Internacional de Teatro, regressa ao Teatro Nacional com quatro grandes propostas cénicas e dois espectáculos-revelação que apresentarão novos valores da dramaturgia contemporânea mundial: o francês David Lescot escreveu e encena um trabalho que aborda o tema do sobre-endividamento, a companhia suíça questiona-nos sobre os limites da civilização. Emmanuel Demarcy-Mota vai regressar à Sala Garrett com um original de Brecht. “Goldoni Terminus” fará a sua antestreia em Lisboa antes de se apresentar na Bienal de Veneza e o lituano Oskaras Koršunovas mostrará a sua versão do celebrado “Romeu e Julieta”. A companhia de teatro itinerante Footsbarn Theatre leva a Santo André uma versão circense do “Sonho de uma Noite de Verão”



© DIMITRIJ MATVEJEV



© DRAŽEN ŠOKČEVIĆ



© SOPHIE LASCELLES



© SAVANLAVACEK



© JEAN-LOUIS FERNANDEZ



© ALAIN ET FENG HATAT

SHAKESPEARE REVISITADO POR OSKARAS KORŠUNOVAS

A Mite 2007 abre as suas portas com a reavistação de um dos clássicos mais amados da dramaturgia mundial: “Romeo e Juliet”. A crónica dos amores infelizes de dois jovens de Verona vai ser alvo de uma leitura insólita por parte do lituano Oskaras Koršunovas.

CARLO GOLDONI REESCRITO PELA PENA DE RUI ZINK

Rui Zink reescreveu, juntamente com o italiano Edoardo Erba e a croata Tena Štivicic, os “canovacci” de Goldoni. O resultado, “Goldoni Terminus”, fará uma antestreia em Lisboa antes de partir para a Bienal de Veneza.

COMPANHIA ITINERANTE MOSTRA “SONHO” EM SANTO ANDRÉ

Depois de se apresentar no Festival de Almagro, a companhia de teatro itinerante Footsbarn Theatre, fundada na Cornualha em 1971 com o propósito de levar o teatro às zonas carenciadas de oferta cultural, deslocar-se-á a Santo André com uma versão circense do clássico “A Midsummer Night’s Dream”, de William Shakespeare.

SUIÇOS CONTAM HISTÓRIA DE UM HOMEM-SELVAGEM

O teatro suíço estará presente na Mite’07 com uma proposta da companhia Kraut_Produktion: no Teatro da Politécnica, mostra uma nova versão do filme que chocou a França em 1972 – “Themroc”, de Claude Faraldo. “Back to the Roots” é o retrato do novo homem selvagem.

DEMARCY-MOTA FAZ BERTOLT BRECHT

Demarcy-Mota traz a Lisboa uma peça em que Bertolt Brecht aborda a temática da identidade. “Homme pour Homme” (“Um Homem é um Homem”, em português), conta a história de Galy Gay, um indivíduo que, por incapacidade de dizer “não”, é arrastado para as situações mais rocambolescas.

REVELAÇÃO DE NOVÁS DRAMATURGIAS CONTEMPORÂNEAS

Talento precoce para a cena, David Lescot reparte o seu talento entre a música, a encenação e a escrita de peças. Em “Un Homme en Faillite” mostra-nos um homem que, desempregado e cumulado de dívidas, vê o seu casamento desabar e tem de repensar toda a sua existência.

> Dias 16 e 17 de Julho, na Sala Garrett

Romeo and Juliet

O lituano
Oskaras
Koršunovas
revê o clássico
de Shakespeare
e transforma
os Montéquios
e os Capuletos
em donos de
pizzarias rivais

A. Ribeiro dos Santos

A MITE – Mostra Internacional de Teatro abre, este ano, com uma estreia em solo português: a apresentação de uma das maiores promessas da cena internacional – a do encenador lituano Oskaras Koršunovas (n. 1969) que trará, ao palco da Sala Garrett, uma leitura “ousada” do clássico “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare. O espectáculo encerra também o Festival Internacional de Teatro de Almada.

A história é bem conhecida de todos. Os jovens Romeu Montéquio e Julieta Capuleto apaixonam-se, desconhecendo a identidade um do outro: pertencem a duas famílias que uma rivalidade antiga separa irremediavelmente e a paixão dos dois terá de se confrontar com um ódio que argumento algum – racional ou afectivo – poderá apagar. Determinados, porém, a amarem-se contra tudo e contra todos, Julieta e Romeu articulam um plano que lhes permitirá fugir e casarem-se às escondidas. Infelizmente, nem tudo corre bem e a tragédia acontece, com a inevitável morte dos amantes.

A novidade, aqui, é que esta história – já por tantas vezes levada à cena e adaptada ao cinema – nos será contada através do olhar de um encenador tido por polémico: Koršunovas desloca a acção da Itália antiga para uma Itália contemporânea, onde Montéquios e Capuletos são, afinal, duas famílias rivais nos negócios: são proprietários de duas prósperas pizzarias e atacam-se uns aos outros a golpes de farinha! Esta forma “livre” de encarar os clássicos é uma das imagens de marca do teatro do encenador lituano, que se defende quando o acusam de “trivializar” a obra de William Shakespeare.

Numa entrevista concedida nos Estados Unidos, explicou que o bardo isabelino só lhe interessa na medida em que os seus textos têm a ver com os dias de hoje. “Sublinhei, na peça de Shakespeare, o seu ponto essencial: o conflito familiar. A vida da Verona antiga caracterizava-se por uma forte competição e rivalidade económica, e é isso que a minha encenação revela.”



©DMITRIJ MATVEJEV



©DMITRIJ MATVEJEV



Perfil **KORŠUNOVAS**

Nascido em 1969, em Vilnius, na Lituânia, Oskaras Koršunovas estudou na Academia de Artes da sua terra natal e estreou-se como encenador teatral, com apenas 21 anos, no palco do Teatro Nacional da Lituânia. O espectáculo que o apresentou ao público foi “Ali para estar Aqui”, de Daniil Harms (autor do Oberiu, movimento de vanguarda russo fundado em 1927 ao qual pertenciam, entre outros artistas, o escritor Alexandr Vvedensky e o pintor Malevitch). A forma como o espectáculo foi recebido – quer a nível nacional, quer internacional – permitiu a Koršunovas continuar a trabalhar regularmente e, aos 29 anos, graças ao apoio do Ministério da Cultura da Lituânia, fundar a sua própria companhia – a Oskaro Korsunovo Teatras, cujos escritórios funcionam no mesmo espaço do Teatro Nacional da Lituânia e com o qual tem montado uma média de três espectáculos por ano. Alternando entre autores como Shakespeare ou Bulgakov e os escritores jovens mais radicais, como Mark Ravenhill ou Sarah Kane, o prestígio de Koršunovas tem alastrado e o encenador lituano tem sido convidado a dirigir espectáculos fora do seu país. Nomeadamente na Polónia, Noruega e Alemanha. Em 2001, recebeu o New Theatrical Reality Prize das mãos de um júri europeu, como forma de reconhecimento pela importância do seu trabalho como criador.

Sinopse

É profunda e insanável a rivalidade que opõe Montéquios e Capuletos, duas famílias de Verona que se odeiam desde tempos sem memória.

O velho patriarca Capuleto pretende casar a sua filha, a jovem Julieta Capuleto, de treze anos, com o Conde Paris, e organiza um baile de máscaras para a apresentar a toda a sociedade. Entretanto, para tentar esquecer o seu amor por Rosaline, Romeu vai disfarçado ao baile mas, perante a beleza de Julieta, sucumbe imediatamente à nova paixão, que é correspondida. Romeu e Julieta encontram-se secretamente e, depois de descobrirem os respectivos nomes, decidem casar às escondidas.

Tudo está pronto para o enlace, preparado com a convívência da ama de Julieta, mas na noite do encontro, o mensageiro não avisa Romeu de que a apaixonada, para escapar à família, tomou um veneno que a deixará em coma durante 42 horas. Ao encontrá-la aparentemente sem vida, Romeu mata-se e Julieta, por seu turno, ao acordar do seu torpor, usa o mesmo punhal para se suicidar.

OSKARO KORSUNOVO TEATRAS

Uma companhia vocacionada para as digressões

A companhia de teatro de Oskaras Koršunovas, OKT, é, actualmente, a companhia lituana que mais deslocações faz ao estrangeiro, mantendo em repertório várias das suas produções, sempre prontas a apresentarem-se onde quer que sejam solicitadas. O grupo, que se tem apresentado regularmente na Europa, Austrália, América do Sul e Estados Unidos da América, já visitou, só este ano, mais de 19 países diferentes e fez mais de uma centena de representações. Se “Romeo and Juliet” vem a Lisboa, partindo depois para Estocolmo, a OKT tem também prontos para circular os espectáculos “Sonho de Uma Noite de Verão”, de Shakespeare, “Margarida e o Mestre”, de Bulgakov e “O Rei Édipo”, a partir de Sófocles. Koršunovas orgulha-se mesmo de ter conseguido abrir as portas de alguns países onde o teatro lituano nunca tinha penetrado – como a Roménia, onde esteve já este ano, com a peça “Estrada para Damasco”, de August Strindberg.

ficha artística

texto WILLIAM SHAKESPEARE encenação OSKARAS KORŠUNOVAS
cenografia JURATE PAULEKAITE figurinos JOLANTA RIMKUTĖ
música ANTAS JASENKA desenho de luz EUGENIJUS SABALIAUSKAS

com GYTIS IVANAUSKAS, RASA SAMUOLYTĖ, GIEDRIUS SAVISCKAS, RASA MARAZAITĖ,
ARŪNAS SAKALAIUSKAS OU AUDRIUS NAKAS, DAINIUS KAZLAUSKAS, SAULIUS MIKOLAITIS,
REMIGIJUS VILKAITIS, DĀLIA MICHELEVICIUTĖ, EGLĖ MIKULIONYĖ, RYTIS SALAZDIUS,
DARIUS GUMAUSKAS, DAINIUS GAVENONIS, VAIDOTAS MARTINAITIS, TOMAS ZAIBUS
e VESTA GRABSTAITĖ

produção OSKARO KORSUNOVO TEATRAS

co-produção

AVIGNON FESTIVAL (FRANÇA)

HEBBEL THEATRE (ALEMANHA)

ARTS AND IDEAS FESTIVAL (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

THEOREM (ASSOCIAÇÃO APOIADA PELA CULTURE 2000 – PROGRAMA DA UNIÃO EUROPEIA)

FUNDAÇÃO LITUANA PARA O APOIO À CULTURA E AO DESPORTO

MINISTÉRIO DA CULTURA DA LITUÂNIA

duração → 3h00 com intervalo

língua → Lituano (legendado em Português)

> Dias 19 e 20 de Julho, na Sala Garrett

Goldo

O Teatro Nacional recebe, em antestreia, um espectáculo inspirado em Goldoni que resulta de uma co-produção internacional e fará a sua estreia na Bienal de Veneza, sob a direcção de Toni Cafiero Margarida Gil dos Reis

“A minha vida não é interessante; mas pode acontecer que, daqui a algum tempo, encontremos num canto de uma Biblioteca antiga, uma colecção das minhas Obras”.

Goldoni, “Memórias”

Reler Goldoni é regressar sempre ao universo de um dos mais brilhantes dramaturgos. Se nas suas “Memórias”, escritas em francês, o veneziano parecia cultivar a nostalgia e a derrota, certo é que a sua obra tem estimulado, ao longo dos séculos, novas energias e criatividade. Mal amado por muitos, Goldoni tornou-se um ícone pela irreverência e pelo inconformismo. Festeja-se, por isso, o tricentenário do nascimento do dramaturgo italiano, pressentindo como é fácil hoje

respirar os mesmos ares da crítica e do humor que perpassam a sua obra.

O projecto europeu “Goldoni Terminus” enquadra-se nessa vontade de visitar o universo de Goldoni, reunindo diferentes identidades, culturas e linguagens. O trio de escritores – o português Rui Zink, o italiano Edoardo Erba e o croata Tena Štivicic – aceitou o desafio: escrever um texto a partir dos “canovacci” de Goldoni, uma das técnicas mais utilizadas pela “commedia dell’arte”. Com

cenografia de José Manuel Castanheira e com a presença da actriz portuguesa Rita Cruz, “Goldoni Terminus” é uma co-produção entre o TNDM II, o Teatro Stabile da Sardenha e o Teatro Nacional de Rijeka, na Croácia. Lisboa terá oportunidade de assistir, em antestreia, à semelhança do que acontecerá em Rijeka-Fiume, a este espectáculo que terá o seu ponto alto na Bienal de Veneza, nos dias 26 e 27 de Julho, e no Festival da Sardenha La Notte dei Poeti, a 2 e 3 de Agosto.

Ao reler Goldoni sobrepõe-se agora o redescobrir Goldoni: seguir os vestígios do dramaturgo italiano, trazendo-o até nós à luz da contemporaneidade

Um argumento para três escritores

Sendo a “commedia dell’arte” uma forma teatral única no mundo, que conheceu o seu desenvolvimento na Itália do século XVI, difundindo-se um pouco por toda a Europa nos séculos posteriores, esta contribuiu de forma significativa para a construção do teatro moderno. Um teatro baseado na improvisação, em constante interacção com o público. Os “canovacci” funcionavam, justamente, como preparação da peça e da construção dos diálogos. Escritos, geralmente, na terceira

pessoa, eram argumentos que indicavam o tema da peça. As “Aventuras de Camila e Arlequim” foram o ponto de partida deste texto escrito a seis mãos. Respeitando o argumento do autor, a improvisação mas, sobretudo, a criatividade são os principais instrumentos de Rui Zink, Edoardo Erba e Tena Štivicic, que partilham uma história escrita em três pedaços.

Em cada uma das histórias desta trilogia, Goldoni tem a capacidade única de nos dar, na construção

das suas intrigas, a ilusão de acções reais, explorando as relações entre a aparência e a realidade. Actores, figurinos, cenário, as próprias intrigas reforçam as relações que, na obra de Goldoni, se estabeleciam entre as personagens e, consequentemente, entre o teatro e a sociedade. A ilusão e o disfarce convivem com a vontade de “actuar”, de agir perante o outro e de marcar uma presença.

“Goldoni não é um autor solitário”

O encenador Toni Cafiero reforça a abertura criativa de Carlo Goldoni ao que o rodeava. Talvez por isso “Goldoni Terminus” não pretenda seguir uma “perspectiva arqueológica”, mas sim uma “perspectiva contemporânea” que reforce a importância de uma relação permanente com a vida. Nestes três capítulos de uma mesma aventura, por onde circulam as mesmas personagens mas com diálogos escritos por três autores diferentes, Toni Cafiero não hesita ao afirmar: “não quero divertir as pessoas. Quero pôr questões, incomodar”. É a partir desse movimento de troca e de (inter)relações que o texto ganha

riqueza e densidade. Ao reler Goldoni sobrepõe-se agora o redescobrir Goldoni: seguir os vestígios do dramaturgo italiano, trazendo-o até nós à luz da contemporaneidade.

Apesar da diversidade dos textos que compõem esta peça, a dramaturgia contemporânea é a protagonista deste projecto que, inspirado no autor Veneziano, pretende construir um texto novo que combata qualquer visão arqueológica ou museológica do teatro. Da memória de Goldoni não restam dúvidas. Atravessou séculos em sintonia com o tempo. A sua atenção ao quotidiano fê-lo reforçar a importância da voz do dramaturgo

na sociedade. Por isso, Toni Cafiero pergunta qual é o papel do teatro, como pode um homem mudar o rumo das coisas. A estas perguntas Goldoni não antecipou uma resposta. Disse antes, nas suas “Memórias”: “O meu estilo será sempre o mesmo, sem elegância e sem pretensão, mas inflamado pelo zelo da minha arte, e ditado pela verdade.” A capacidade de reivindicação social que ainda hoje reclamamos para o teatro desperta inquietações, o querer saber quem se é, no tempo em que se existe. Agarrados ao terreno do real, a verdade, como a de Goldoni, reside ainda na utopia da visão dos escritores.



ni Terminus

© DRAŽEN ŠOKCEVIC



© DRAŽEN ŠOKCEVIC



Goldoni e o teatro de costumes

Nascido em Veneza em 1707, Goldoni é geralmente conhecido como o supremo dramaturgo italiano. O seu trabalho, ao lado do modernista Luigi Pirandello, inclui algumas das mais famosas peças do teatro italiano. Quebrando a tradição da "commedia dell'arte", criou comédias com um humor sofisticado, num estilo moderno, que divertiram plateias até aos dias de hoje. A sua influência na contemporaneidade é significativa através de imagens provenientes da dramatização da vida, dos valores e dos conflitos existentes nas classes médias emergentes. Apesar de ter escrito em francês e italiano, Goldoni enriqueceu a sua obra ao escrever em "veneziano", utilizando quer uma linguagem vernacular, quer uma linguagem coloquial.

Portugal, Itália e Croácia, unidos numa peça

O ENCENADOR

Toni Cafiero

Encenador italo-francês, o seu trabalho tem sido reconhecido em diversos países, França, Espanha, Bélgica, Estados Unidos da América, Argélia. Pedagogo em vários centros de formação para profissionais, é professor convidado da RESAD de Madrid, do Instituto de Teatro de Barcelona, Conservatório de Nantes, Montpellier, Escola Nacional de Chaillot de Paris e da Universidade de Nova Iorque.

OS AUTORES

Edoardo Erba

Natural de Pavia, perto de Milão, Edoardo Erba formou-se na Universidade de Pavia e no Piccolo Teatro, em Milão. A peça "Maratona di New York" é um dos seus mais afamados trabalhos, tendo sido representada com grande sucesso entre 1992 e 1994, várias vezes editada em Itália, traduzida em treze línguas. Erba afirmou-se ao ser premiado com alguns dos mais importantes prémios nacionais de teatro que o reconheceram como um nome de destaque da sua geração (Riccione, Idi, Enrico Maria Salerno e Candoni). As suas obras têm sido apresentadas em diversos locais, desde o Stages Theatre de Hollywood, passando por Londres, Hamburgo, Frankfurt ou Budapeste.

Rui Zink

Escritor e professor universitário português, doutorado em Literatura Portuguesa, Rui Zink publicou, para além de diversas publicações académicas e científicas, vários livros, entre os quais se destacam títulos como: "Apocalipse Nau" (1996), o libreto da ópera de José Eduardo Rocha; "Os Fugitivos" (2004), apresentada no Teatro da Trindade; o romance "Dádiva Divina" (2004) ou a novela "O Anibaleitor" (2006). Em 2007, publicou a versão revista e aumentada da novela "A Espera", bem como a novela gráfica "Rei", com António José Gonçalves. Destaque ainda para a sua actividade enquanto tradutor de textos de Matt Groening, Saul Bellow, Richard Zenith ou Dean Karnazes.

Tena Štivicic

Natural de Zagreb, concluiu a sua formação em Dramaturgia na Academia de Artes Dramáticas de Zagreb. As suas peças, publicadas e traduzidas em diversas línguas, têm sido produzidas na Croácia e por toda a Europa Central e de Leste. Concluiu o Mestrado em Escrita para Performance, no Goldsmiths College, em Londres. Participou no projecto Future Perfect, o programa dos jovens escritores Paines Plough. Trabalha e vive actualmente em Londres.

ficha artística

texto EDOARDO ERBA, RUI ZINK e TENA ŠTIVICIC
a partir de "AVENTURAS DE CAMILA e ARLEQUIM" DE CARLO GOLDONI
encenação TONI CAFIERO coordenação MANI GOTOVAC
cenografia JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA coreografia ZAK VALENTA
música DARKEO JURKOVIC com o DARKO JURKOVIC TRIO iluminação MAURIZIO VIANI
com GALIANO PAHOR, LEONORA SURIAN, MIRKO SOLDANO, ROSANNA BUBBOLA,
ELENA BRUMINI, RITA CRUZ, WOODY NERI, MASSIMO NICOLINI e PIERGIUSEPPE DI TANNO

co-produção

DRAMMA ITALIANO DO TEATRO NACIONAL CROATO IVAN PL. ZAJC DI FIUME
TEATRO STABILE DI SARDEGNA
TNDM II
BIENAL DE VENEZA

duração → 2h50 com intervalo
língua → Italiano (legendado em Português)

> Dias 24 e 25 de Julho, na Sala Garrett

Homme pour Homme

Bertolt Brecht escreveu uma peça que problematiza a relação do indivíduo com a sociedade capitalista e que questiona os limites da identidade.

Emmanuel Demarcy-Mota regressa ao Teatro Nacional para nos mostrar como lê esta peça, oito décadas depois de ter sido escrita Ricardo Paulouro

Bertolt Brecht disse: “Um homem é um homem”. O que podemos fazer a um ser humano? Até onde pode um homem mudar? Emmanuel Demarcy-Mota regressa ao TNDM II, depois de “Rhinocéros”, de Eugène Ionesco (MITE'06), com uma leitura contemporânea do texto de Brecht, considerado pela crítica como uma comédia anti-guerra. Uma pesquisa intensa de dois meses

levou o encenador francês a pôr em cena uma reflexão sobre aquilo que designa de “novo tipo de homem”, um homem construído, ou melhor, fabricado. Destaque para alguns nomes associados a este projecto, como é o caso de François Regnault que assina esta tradução após outras feitas em colaboração com Emmanuel Demarcy-Mota - “Six Personnages em

Quête d’Auteur”, de Pirandello e “Tanto Amor Desperdiçado”, de Shakespeare. Esta última, com a colaboração do Governo Francês, estará, aliás, no TNDM II, em Setembro, num contexto de abertura do teatro ao mundo. A tradução portuguesa de Nuno Júdice e a presença da atriz Dalila Carmo confirmam a dimensão europeia deste projecto.

Destaque ainda, em “Homme

pour Homme”, para a presença de Yves Collet que assina as luzes e a cenografia, Jefferson Lembeye e Walter N’Guyen no plano sonoro ou a colaboração do jovem compositor de música contemporânea, Bruno Mantovani, de quem se reproduz uma obra inédita para harpa. Com uma galeria de personagens marcante, também pela densidade psicológica que o texto brechtiano exige,

esta peça mostra-nos como Brecht ocupa um lugar importante no século XX, pela forma como questiona a existência humana. O espectador assiste a um processo de transformação ao longo da peça, mas com contradições, avanços e recuos, reforçando como a violência psicológica pode ser angustiante.

Esta peça mostra-nos como Brecht ocupa um lugar importante no século XX, pela forma como questiona a existência humana

UM JOGO DE IDENTIDADES

Escrito em 1926, e conhecendo posteriormente outras versões, este texto problematiza a relação do indivíduo com a sociedade capitalista, uma relação incompatível aos olhos de Brecht. Face aos padrões socialmente impostos, resta ao homem aceitar ou contestar, consciente de que a sua identidade é permanentemente ameaçada.

O protagonista desta peça, Galy Gay, descobre como o motor da guerra não é o homem mas sim um conjunto de razões económicas. A actualidade do tema, pelo desenvolvimento psicológico das personagens, pelos diálogos, prende o espectador através da intensidade com que tudo é vivido.

Progressivamente, Galy Gay transforma-se num soldado de Sua Majestade, bruto, sanguinário, manobrado. Quem é então Galy Gay? A esta questão tentou Brecht responder várias vezes, numa tentativa de definir um novo humanismo, sob a bruma do antigo, onde o indivíduo deixa de ser um jogo, um instrumento de um sistema moderno desumano.

A atmosfera da peça é a de um mundo em transformação, onde as identidades se invertem. O homem também se pode transformar numa máquina de guerra, num mundo feito de máquinas, mercantilista e cinico, onde vale tudo. Para Brecht, é na luta colectiva, na luta de classes ou de massas, como diríamos hoje, e não no destino individual, que se encontra a liberdade.

Também Marx o havia dito: a liberdade de um não termina com a liberdade do outro mas, pelo contrário, começa. O registo poético coexiste aqui com o didáctico. Os homens surgem reduzidos a meras funções e, face a estes homens-máquinas, Emmanuel Demarcy-Mota dirige uma máquina cénica, plena de tensão, de jogo, de violência e de ironia. O espectador guarda a magia desse intervalo que o separa do palco – a opção de se transportar, ou não, para aquele espaço, de tentar descobrir quem é, afinal, aquele homem.

Sinopse

Galy Gay era um homem bravo e pacífico até ao momento em que a história começa e ele decide comprar peixe. No seu caminho, encontra três soldados que precisam de um substituto para integrar o seu grupo. Para não ter problemas com a autoridade, Galy Gay aceita e passa a ser Jeraiah Jip, um guerreiro enraivecido. Terá Galy Gay se deixado manipular ou, pelo contrário, tira proveito da situação? Será Jeraiah Jip uma personagem onde se refugiou ou terá de facto mudado? Onde reside a ambiguidade deste homem que não soube dizer não?

Emmanuel Demarcy-Mota

Nascido em 1972, actor, dramaturgo e director, desde 2002, do teatro La Comédie de Reims, Centre Dramatique National, Emmanuel Demarcy-Mota fundou, em 1989, um grupo de teatro com outros alunos do Liceu Rodin (Paris XIII) onde apresentaram trabalhos de Ionesco, Pirandello ou Wedekind. Reconhecido pelo Sindicato Nacional da Crítica Dramática e Musical com o prémio de revelação teatro, tem apresentado, enquanto director da Comédie, peças como “Martia Hesse” (2005), de Fabrice Melquiot; “Ionesco Suite” (2005); “Variations Brecht” (2006) ou “Rhinocéros” (2006), de Eugène Ionesco, que conheceu grande sucesso nos palcos franceses.

Bertolt Brecht

Dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX (1898-1956), Brecht sofreu as consequências da Primeira Guerra Mundial ao assistir à destruição do seu país. Apoiante do regime socialista como forma de contornar o seu desespero existencial, Brecht apercebeu-se em Berlim e, seguidamente, em Munique, da apetência do público pelo teatro moderno. Influenciado pela estética de Stanislavsky, Meyerhold e Piscator, o dramaturgo alemão constrói a sua obra sobre a teorização do Teatro Épico, para o qual contribuíram leituras de estudos marxistas e sociológicos. “Um Homem é um Homem”, “Mãe Coragem e Seus Filhos”, “A Vida de Galileu” ou as novelas “O Senhor Puntilla e o seu Criado Matti”, “A Resistível Ascensão de Arturo Ui”, “O Circulo de Giz Caucásiano” ou “A Boa Pessoa Sezuan” foram algumas das suas obras onde, segundo a crítica, encontramos uma amálgama de Naturalismo e Expressionismo comparável à síntese marxista do mercantilismo e do idealismo dialéctico de Hegel.



ficha artística

texto **BERTOLT BRECHT**
 encenação **EMMANUEL DEMARCY-MOTA**
 assistente de encenação **CHRISTOPHE LEMAIRE**
 cenografia e iluminação **YVES COLLET**
 colaboração cenográfica **MICHEL BRUGUIÈRE**
 som **JEFFERSON LEMBEYE** e **WALTER N'GUYEN**
 figurinos **CORINNE BAUDELLOT**
 música original (harpa) **BRUNO MANTOVANI**
 com **HUGUES QUESTER**, **MARIE-ARMELLE DEGUY**,
PHILLIPE DEMARLE, **CHARLES-ROGER BOUR**,
JOURIS CASANOVA, **SANDRA FAUE**,
STÉPHANE KRÄHENBÜHL, **GÉRALD MAILLET**,
SARAH KARBASNIKOFF, **PASCAL VUILLEMOT**,
LAURENT CHARPENTIER e **CONSTANCE LUZZATI**

produção
LA COMÉDIE DE REIMS- CDN
THÉÂTRE DE LA VILLE
 apoio **CULTURESFRANCE**

duração → 2h00 sem intervalo
 língua → Francês (legendado em Português)

> Dias 24 e 25 de Julho, no Teatro da Politécnica

Back to the Roots

Chega-nos da Suíça um espectáculo perturbador que põe em causa tudo aquilo a que chamamos civilização. Baseado num filme choque da década de 70, eis uma proposta radical da nova dramaturgia mundial A. Ribeiro dos Santos



© SAVA HLAVACEK

Em 1973, o realizador Claude Faraldo lançava o filme-choque "Themroc", uma produção de baixo orçamento protagonizada por Michel Piccoli e Béatrice Romand e cujo conteúdo potencialmente chocante – continha cenas de incesto e canibalismo – levou à sua interdição nas salas de cinema. Uma interdição que só terminaria na década de 90. A partir desta obra polémica, a companhia suíça

Kraut_Produktion montou "Back to the Roots" ("De volta às Origens", em tradução à letra), um espectáculo que não deixará de perturbar o espectador e que se baseia em improvisações. O herói desta aventura é um tecnocrata que se revolta contra uma vida regida por regras sociais que considera castradoras da sua individualidade e propensões naturais. Decide, então, transformar-se numa espécie de

homem das cavernas e regressar ao seu estado selvagem. Às origens do Homem. Barrica-se em casa e recusa tudo aquilo que seja conotado com "civilização".

A companhia suíça construiu este trabalho com o propósito de fazer o espectador reflectir sobre uma sociedade totalmente vocacionada para o lucro e que ignora o que é mais básico e instintivo no ser humano.

ficha artística

"BACK TO THE ROOTS" ✓

a partir do filme "THEMROC" de CLAUDE FARALDO encenação MICHEL SCHRÖDER
cenografia DURI BISCHOFF figurinos NIC TILLEIN desenho de luz CHRISTA WENGER
com THOMAS U. HOSTETTLER, LARA KOERTE, NILS TORPUS e SANDRA UTZINGER
produção KRAUT_PRODUKTION
duração → 57 minutos sem intervalo
língua → Alemão (legendado em Português)

ficha artística

"UN HOMME EN FAILLITE" <

texto e encenação DAVID LESCOT cenografia ALWYNE DE DARDEL figurinos SYLVETTE DEQUEST
desenho de luz JOËL HOURBEIGT com PASCAL BONGARD, NORAH KRIEF, SCALI DELPEYRAT
produção LA COMÉDIE DE REIMS – CDN
co-produção THÉÂTRE DE LA VILLE – PARIS
LE FESTIN – CDN DE MONTLUÇON | COMPAGNIE DU KAÏROS
apoio CULTURESFRANCE
duração → 1h30 sem intervalo
língua → Francês (legendado em Português)

> Dia 28 de Julho, na Sala Estúdio

Un Homme en Faillite



© ALAIN ET FENG HATAT

Grande revelação da cena francesa actual, David Lescot vem ao Nacional mostrar uma peça que versa sobre dois temas que não podiam ser mais actuais: o desemprego e o endividamento excessivo. Um projecto que resulta da colaboração entre o TNDM II, a Comédie de Reims e o Instituto Franco-Português

Dois espectáculos de teatro, oficinas de escrita, seminários e estágios para actores, leituras e debates sobre teatro: eis o programa que o Teatro Nacional D. Maria II tem para propor ao público a partir deste mês e até fim de Novembro e que resulta de uma colaboração com o Instituto Franco-Português e com o Centre Dramatique National La Comédie de Reims, apoiada pelo programa Cultures France. Trata-se da iniciativa "Lisboa Teatro Cidade Aberta", que trará a Lisboa, pela primeira vez, David Lescot (n. 1971), jovem criador que divide o seu talento pela composição musical, pela escrita e pela encenação teatral e que, no âmbito da Mite 2007, apresentará, na Sala Estúdio do Teatro Nacional, no dia 28, "Un Homme en Faillite" (autoria e encenação), que recebeu o prémio da "Meilleure Création en Langue Française" do Sindicato Nacional da Crítica.

Eis um espectáculo que pretende fazer o público reflectir sobre um tema premente das sociedades contemporâneas: o sobre-endividamento das famílias e o crescente desemprego no masculino. Um homem que se vê, subitamente, sem emprego e cheio de dívidas, um homem a quem a mulher abandona, o que pode fazer senão começar a vender tudo o que tem? O executor das dívidas é – juntamente com o

público – espectador deste despojamento involuntário que levará o protagonista à descoberta daquilo que lhe é mais próprio e que nada nem ninguém lhe poderão tirar.

Para conhecer melhor o teatro de Lescot, o Nacional propõe ainda, no início da próxima temporada, a leitura de outras peças do autor, que nos últimos anos se tem dedicado sobretudo à escrita e que é frequentemente chamado a vários países europeus para discutir sobre os desafios da escrita dramática contemporânea.

Aliás, esta colaboração entre o Nacional e a Comédie de Reims – que se iniciou no ano passado, com a apresentação de "Rhinocéros", encenado por Demarcy-Mota – dará outros frutos. Para além da apresentação, na Mite'07, de "Homme pour Homme", de Brecht, revisitado por Demarcy-Mota, está também em preparação um espectáculo que unirá os esforços criativos das duas estruturas de produção e que deverá resultar na estreia, a 20 de Setembro, de "Tanto Amor Desperdiçado", traduzida a partir de Shakespeare pelo poeta Nuno Júdice. O espectáculo, que será bilingue (falado em francês e português), terá direcção de Emmanuel Demarcy-Mota e juntará criativos franceses, técnicos portugueses e actores de ambos os países. A.R.S.

TNDM II em colaboração com a AJAGATO, dias 20, 21 e 22 de Julho

A Midsummer Night's Dream

Uma trupe de actores que viaja pelo mundo com o teatro às costas vai montar a sua tenda em Vila Nova de Santo André, no litoral alentejano, e mostrar ao público como é fácil – e prazenteiro – ver peças de William Shakespeare A. Ribeiro dos Santos

© SOPHIE LASCELLES

© JEAN PIERRE ESTOURNET



É uma companhia de teatro ambulante como não há muitas. Determinados a levar a arte a todo o lado, o Foolsbarn Theatre – grupo fundado na Cornualha mas, actualmente, sediado em França – andam, literalmente, com o teatro às costas: transportam, em vários camiões, todo o material de que precisam para encantar as mais diversas plateias, desde figurinos coloridos que mais parecem pertença do universo circense a vários instrumentos musicais (saxofones, trompetes, banjos ou guitarras eléctricas). Chegados ao destino, montam – normalmente nas praças públicas – uma tenda com ca-

pacidade para 400 lugares e convidam os espectadores a entrar e partilhar, com eles, as mais belas histórias da dramaturgia mundial. O repertório da companhia é constituído, maioritariamente, por textos do teatro popular – velhos autos ingleses, lendas e mitos, peças medievais, mas a companhia não desdenha levar à cena textos eruditos, desde que tenham uma forte componente lúdica. Como este, de Shakespeare.

“Sonho de uma Noite de Verão”, uma das comédias mais populares do dramaturgo isabelino, é um texto repleto de intrigas, que mistura gente “real” com o universo das

fadas e dos duendes, e que coloca, ao mesmo nível, reis, príncipes e a populaça. No centro da intriga estão dois pares de amorosos Hérnia, Helena, Demétrio e Lisandro (cujas paixões se desencontrarão a meio da noite mágica); o casal formado por Oberon e Titania, que governam o mundo das fadas e que estão zangados; e uma divertida trupe de actores que ensaia a peça “A Tragédia de Píramo e Tisbe” para o casamento de Teseu, Duque de Atenas, e Hipólita, Rainha das Amazonas. A acção decorre durante a Noite de São João e, graças às poções mágicas que circulam em abundância pela flo-

resta, tudo pode acontecer.

O Foolsbarn Theatre esteve pela primeira vez em Portugal, em 1981, e encantou o público com a sua forma muito especial de fazer teatro: os actores – que pertencem a oito países diferentes – usam os argumentos das peças para improvisar e contam as histórias muito à base de mímica. Quase sempre, recorrem à língua do país onde se apresentam para conseguir uma maior ligação aos espectadores. A sua boa disposição e a música fazem o resto.

Um dos membros dos Foolsbarn – e autor da banda sonora de “Sonho de uma Noite de Ve-

rão” – é o actor e encenador Steve Johnston, que actualmente vive e trabalha em Portugal, dirigindo o Teatro ao Largo, uma das companhias nacionais mais directamente vocacionadas para a itinerância. O Teatro ao Largo usa, também, uma estrutura móvel, que se monta em qualquer praça pública, e surpreende os transeuntes desprevenidos com a vivacidade da sua interpretação. Os Foolsbarn estão de novo em Portugal graças a esta cumplicidade e a uma parceria entre o TNDM II e o AJAGATO, responsável entre outros projectos, pela Mostra de Teatro de Santo André.

Perfil da companhia **UM GRUPO À PARTE**

O Foolsbarn Theatre foi fundado no princípio da década de 70, na Cornualha, por Oliver Foot e Jean Paul Cook e deve o seu nome ao seu primeiro local de ensaios – o celeiro da família Foot. Inicialmente, a trupe apresentava-se em praças públicas e na rua, com o objectivo de permitir a um público pouco habituado ao teatro usufruir do prazer de assistir a peças contadas de forma divertida e acessível. Dez anos passados sobre a sua fundação, a companhia foi crescendo, o grupo achou que a sua missão estava cumprida no que diz respeito à Cornualha e fez-se à estrada, com a ideia de levar às populações rurais as suas histórias de encantar. Rapidamente, tornou-se uma referência no circuito das artes performativas e começou a ser requisitada para grandes festivais internacionais na Holanda, Alemanha, Irlanda, País de Gales, Inglaterra ou França – onde se apresentou, inclusivamente, no prestigiado Festival de Avignon. Este ano, estará em Almagro, festival com o qual o Teatro Nacional mantém um contacto estreito. Actualmente sediada em França, a Foolsbarn integra elementos de oito nacionalidades distintas e inclui, na sua equipa de trabalho, actores, técnicos, cozinheiros, uma costureira, administradores, um assessor de imprensa, um fotógrafo, mecânicos e dois professores encarregados de instrução das crianças – sim, porque os filhos desta comunidade de artistas partilham da vida nómada que os pais escolheram. A ideia é fazer teatro como se fazia na Idade Média, conseguindo a maior proximidade possível com as plateias.

ficha artística

texto WILLIAM SHAKESPEARE
encenação PATRICK HAYTER música STEVE JOHNSTON
cenografia FREDERICKA HAYTER figurinos HANNAH SJODIN
desenho de luz BRUNO HOCQUARD

com JOEY CUNNINGHAM, VINCENT GRACIEUX,
PADDY HAYTER, CAROLINE PIETTE, MURIEL PIQUART,
MAS SOEGENG, AKEMI YAMAUCHI
músicos CHANDRAN VEYATTUMMAL e PAWEL PALUCH

produção FOOTSBARN THEATRE

VILA NOVA DE SANTO ANDRÉ (LARGO DO MERCADO)

duração → 2h00 sem intervalo
língua → Inglês

> Entre 4 e 8 de Julho, na Sala Experimental



O encenador Nuno Cardoso inspirou-se na peça “Ricardo II”, de William Shakespeare, e vai apresentar ao público um exercício que tem como protagonistas jovens de vários bairros periféricos **Ricardo Paulouro**

São muitos os jovens que todos os dias, num ritmo profissional, descem ao espaço do Sub-Palco para os ensaios do exercício “R2”, encenado por Nuno Cardoso. Quase poderíamos dizer que Shakespeare, ou as suas fábulas, encheram o TNDM II. No palco da Sala Garrett, quase em simultâneo, ouve-se a história de poder e traição de “Ricardo II”. No Sub-Palco, jovens entre os 14 e os 20 anos, na sua maioria, interpretam uma história inspirada no universo shakespeariano. Com uma diferença: aqui conta-se a história,

lo e um voto de confiança a jovens que, oriundos dos bairros da Cova da Moura e do Zambujal, não hesitam em definir a experiência: “Adoramos a improvisação, dá-nos mais liberdade criativa. No entanto, o Nuno [Cardoso] tem-nos ensinado que a disciplina é a chave para um trabalho bem conseguido”. O humor, a música, o ritmo e o trabalho de movimento conjugam-se de forma exemplar, sendo de destacar a preservação da identidade linguística, o crioulo, utilizado ao longo do exercício. Entre a batida “techno”, o hip hop

unânime: “Esta peça é muito actual. Retrata situações onde a sede de poder e a vingança prendem ainda mais as pessoas à cadeira do poder. E estas são pessoas que não vêem os outros, só se vêem a si próprias e são, por isso, humanamente frágeis”. O “lugar quente do poder”, assim o define um dos actores mais novos, que tanto está presente na corte de um rei, como num pequeno bairro dirigido por um presidente de Junta.

Este exercício pode ser, no entender de Nuno Cardoso, uma experiência positiva para cada um

GRUPO DE TEATRO DO OPRIMIDO DE LISBOA: EM DIÁLOGO COM “O OUTRO”

É uma técnica desenvolvida por Augusto Boal, que a criou em meados da década de 60. O Teatro do Oprimido, enquanto metodologia, espalhou-se pelo mundo e hoje pratica-se em mais de 70 países. Muitos dos jovens actores de “R2” tiveram as suas primeiras experiências em teatro no GTO de Lisboa, uma associação sem fins lucrativos que preserva, ao longo dos anos, a sua perspectiva sobre o teatro: envolve actores e público num processo de reflexão mútua. O teatro é, assim, espaço de participação, de interacção e de discussão de ideias. Para Gisella Mendoza, coordenadora do GTO de Lisboa, este exercício criado por Nuno Cardoso envolve vários “jovens portugueses, descendentes de africanos, portugueses com cartão de residência, portugueses com cédula pessoal, portugueses sem bilhete de identidade. São jovens que vivem em Portugal e que fazem parte desta sociedade”. Com uma actividade comunitária, a trabalhar em locais como a Quinta das Laranjeiras, o Casal dos Machados, o Alto da Cova da Moura e Zambujal (Amadora), o GTO Lisboa tem actualmente dois núcleos de Teatro Fórum fortificados: o grupo Os DR, do Alto da Cova da Moura e os Keriteatre, do Zambujal. Gisella Mendoza reforça, aliás, a importância do desenvolvimento de actividades a dois níveis: ao nível comunitário, actuando em “bairros problemáticos de Lisboa e Amadora” e ao nível da sociedade portuguesa em geral, criando “espaços de diálogo para a sociedade procurar em conjunto possíveis soluções aos problemas apresentados”. “R2” é, para os jovens que integra, neste contexto, “uma experiência enriquecedora no seu percurso de crescimento, não só pelo que têm aprendido, mas também pelo reconhecimento que sentem dentro da sua comunidade por estarem envolvidos nesta actividade. A sua participação no “R2” provocou a descoberta de novas opções profissionais, antes ausentes no seu leque de escolhas e reforçou o processo de construção das suas identidades”.

As personagens circulam, passam uma pelas outras. O palco transforma-se num espaço de encontro mas também de não-encontro, num jogo de confronto e indiferença entre amantes e maridos.

não de um rei, mas de um presidente da Junta de Freguesia que, por governar mal, acaba por ser deposto, sem eleições, pelo seu primo. Analogias à parte com essa história de poder e usurpação, em “R2” são os actores que contam a história, recorrendo à capacidade de improvisação.

Nuno Cardoso coordena o elenco sentado numa mesa, entre olhares e sorrisos cruzados, cumplicidades que se sentem e pressentem. “Um actor é naturalmente vaidoso”, diz o encenador ao começar o ensaio. Um estímulo

ou as sugestivas letras dos Buraka Som Sistema, as personagens circulam, passam uma pelas outras, sem se inter-relacionarem necessariamente. O palco transforma-se num espaço de encontro mas também de não-encontro, num jogo de confronto e indiferença entre amantes e maridos.

O objectivo, segundo Nuno Cardoso, foi justamente o “transportar esta fábula sobre o poder e a identidade das pessoas que o exercem para um universo que, normalmente, está alheio a essa questão”. A reacção dos jovens é

destes jovens, isto porque, como diz, “o teatro é um vírus muito potente”. “Estou pronto para qualquer disputa”, ouve-se na música dos Buraka Som Sistema, enquanto a cadeira do poder é, cada vez mais, uma cadeira fraca. “Um fim de sorriso amarelo”, conclui o encenador.

Os Fidalgos

Tudo começou a partir de uma conversa entre o cineasta Flora Gomes, a Cena Lusófona e os actores, músicos e bailarinos que habitualmente colaboravam nos seus filmes. Nasceram Os Fidalgos, uma companhia, onde cada espectáculo é um evento multi-étnico, que esteve recentemente em Portugal com “Namanha Makbunhe”

Margarida Gil dos Reis



“Nós somos / aqueles que dia e noite / fazem com suas mãos / os alicerces da vida. // Nós somos / dança, música e ritmo”. Assim começa o poema “Nós Somos” do poeta guineense Hélder Proença que, em 1982, publicou o seu primeiro livro de poesia, “Não posso adiar a palavra”. A dança, a música e o ritmo que subiram recentemente ao palco do Teatro da Trindade, numa produção do TNDM II, em “Namanha Makbunhe”, contagiaram o público. Esta produção que integrou, no elenco, actores da Guiné-Bissau contou com a participação d’Os Fidalgos*, um colectivo teatral constituído por doze actores. Oito estiveram entre nós mostrando, com mestria, como a preservação de uma identidade cultural nos faz partilhar a energia e a vivacidade de uma cultura.

No amplo sótão do Teatro da Trindade, entre pincéis, tintas, papel de cenário e mobiliário esquecido pelo tempo, Os Fidalgos rapidamente se acomodaram. “O calor não é incomodativo porque na Guiné experimentamos um tipo

e Príncipe, bem como no Circuito Teatral Lusófono, com a co-produção “O Lutador”, em Braga, no Teatro Circo.

Um dos actores apressa-se, no entanto, a confidenciar que “fazíamos de tudo um pouco. Alguns de nós tivemos formação adequada e tratávamos também das luzes, do som e da nossa roupa”. Assim participaram na VI Estação da Cena Lusófono, em 2003, que decorreu em Coimbra ou nas “Aventuras do Lutador”, sob a direcção do francês Thierry Therondel. Seguiram-se obras como “Era uma vez em África” (2003), “Barta Ba” (2003) e uma primeira versão de “Makbunhe”, a partir de “Macbeth” de William Shakespeare. No ano seguinte, a Companhia partiu em digressão para o Senegal com “Balade”, apresentando ainda “Mistida”.

Para além do papel de embaixadores do seu país em várias iniciativas internacionais, Os Fidalgos têm tido uma participação de destaque no cinema que começou logo em 1991 com “Veneno de Sol”, de Victor Silva e “Os Olhos Azuis de Yon-

“Fazíamos de tudo um pouco. Alguns tiveram formação e tratávamos também das luzes, do som e da roupa.”

de calor diferente, bem mais difícil de suportar”. Por entre escassas clarabóias entram feixes de luz que se cruzam entre si e criam uma atmosfera quase dramática. Por isso, Os Fidalgos contam a sua história. “Começámos por fazer cinema, pela mão de Flora Gomes, até que um dia nos apresentou ‘o pai’”. O “pai” é Andrzej Kowalski que, a partir de uma Oficina de Formação Teatral, lhes despertou o gosto pelo teatro. Dessa oficina nasceu, em 2002, “O Lutador”, um texto colectivo que estreou no palco do Centro Juvenil Cultural do Quelele, em Bissau. “A partir daí, com o apoio da Cena Lusófono e da Cooperação Francesa tudo passou a ser mais fácil”. O ano de 2002 foi, de facto, repleto de actividades, como também o tem sido o seu percurso desde então. Nesse mesmo ano, Os Fidalgos participaram na V Estação da Cena Lusófono/Festival de Gravana, que se realizou em São Tomé

ta”, seguindo-se “Máscara” (1992), “Po di Sangue” (1995) e “Nha Fala” (2002), de Flora Gomes e “Djitu Tem Ku Tem” (1997), de Suleiman Biai.

“Namanha Makbunhe” foi muito gratificante de fazer não só pela responsabilidade de fazer Shakespeare como pelo facto de se tratar de um problema universal, da luta pelo poder, o poder que corrompe. Resta a união para contrariar esse tipo de situações que tanto se vive hoje na Guiné como em qualquer parte do mundo”. É talvez em nome dessa união que agarram todos numa corda velha caída no chão para tirar uma fotografia. “É um símbolo. O símbolo da nossa união”. Como diria Hélder Proença, “Nós somos irmãos / terra, chuva e arado / que alimentam vidas / e alicerçam o homem!”.

*O percurso d’Os Fidalgos figura já em blog: <http://osfidalgos.blogspot.com/>

Workshop de escrita sobre ciência na Politécnica

O Teatro da Politécnica vai acolher, entre os dias 12 e 21 deste mês, com o apoio do Teatro Nacional e no âmbito do projecto Escola de Verão, o “workshop” “Pointless – Sem Ponto”, cujo objectivo é encontrar uma “forma dramática acertada para tratar conceitos de natureza marcadamente científica”. O projecto é coordenado por Amândio Pinheiro (Portugal), Christophe Sermet (Bélgica) e Giovanni Papotto (Itália). Marcações e informações para o telefone 21 395 52 09.

Filme de O Bando estreia nos cinemas a 16 de Julho, a partir de “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago

O filme “Ensaio sobre o Teatro”, que Rui Simões realizou e que dá conta do processo de trabalho que envolveu o espectáculo “Ensaio Sobre a Cegueira”, de José Saramago, chega às salas de cinema no próximo dia 16. A obra – que foi seleccionada para o 1º Festival de Lisboa do Cinema Ibérico (Hola Lisboa), para o Famafest 2007 e para o Festival Cinesul deste ano – poderá ser vista até ao dia 25, no Cinema São Jorge.

NOVIDADES DA LIVRARIA DO TEATRO

1 Peças de Yasmine Reza à venda

A Livraria do Teatro Nacional D. Maria II tem à disposição do leitor algumas das peças de teatro mais emblemáticas da dramaturga Yasmine Reza (n. 1959, Paris, França), autora da celeberrima “Arte”, peça que valeu a António Feio um grande sucesso de público e de crítica no Teatro Villaret. Disponíveis em três livros publicados pela Albin Michel, em língua francesa, estão: “Conversations après un Enterrement”, primeira peça da autora, escrita em 1987; “La Traversée de L’hiver” (1988) e, precisamente, “Art”, a mais famosa das obras de Reza (1996, 283 pp., 18.30 euros). Disponíveis também estão “L’Homme du Hasard”, de 1995 (65 pp.; 9 euros) e “Une Pièce Espagnole”, de 2004 (122 pp.; 12 euros). J.L.V.

2 Teatro Completo de Eric-Emmanuel Schmitt

Eric-Emmanuel Schmitt, de quem o Teatro Nacional apresentou, recentemente, “Pequenos Crimes Conjugais”, numa encenação de José Fonseca e Costa, está neste momento entre os cinco autores mais representados do mundo. A colecção completa do seu teatro está agora disponível na livraria do Teatro Nacional D. Maria II, numa edição da Albin Michel, e divide-se por sete volumes. Entre as peças, destaque para “Variations Énigmatiques” (1996), o texto mais popular de Schmitt e já representado por duas vezes em Portugal; “Hôtel des Deux Mondes”, escrita em 1999 e representada em Lisboa na Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, em 2006 (encenação de Cucha Carvalheiro); ou “Le Visiteur”, escrita em 1993 e levada à cena por João Lourenço no Teatro Aberto. Esta última valeu ao seu autor três prémios Molière, o mais prestigiado dos prémios teatrais atribuídos em França. J.L.V.

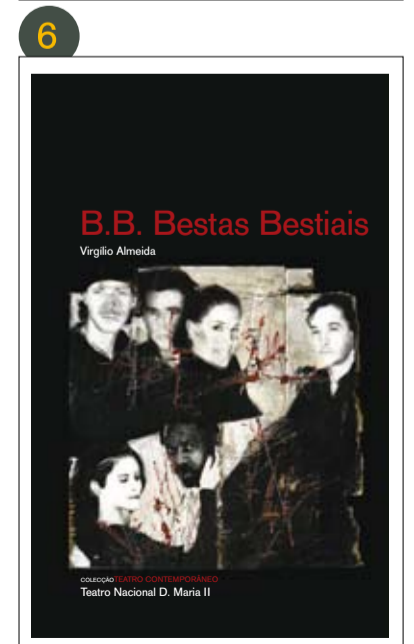
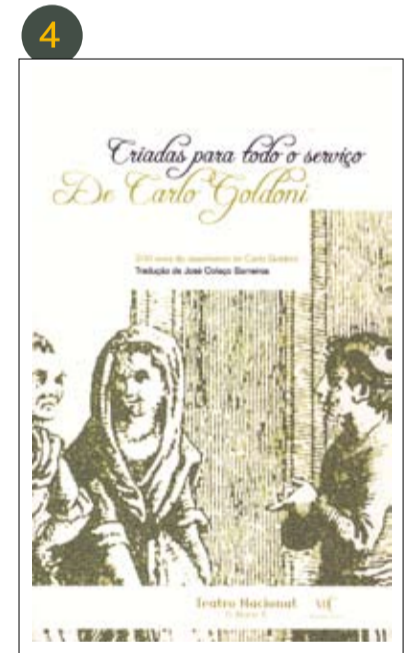
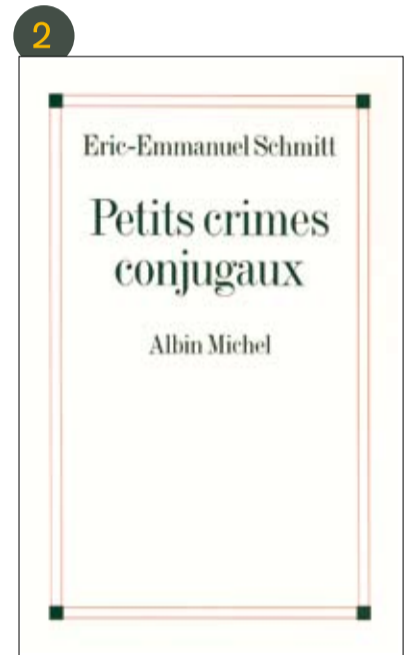
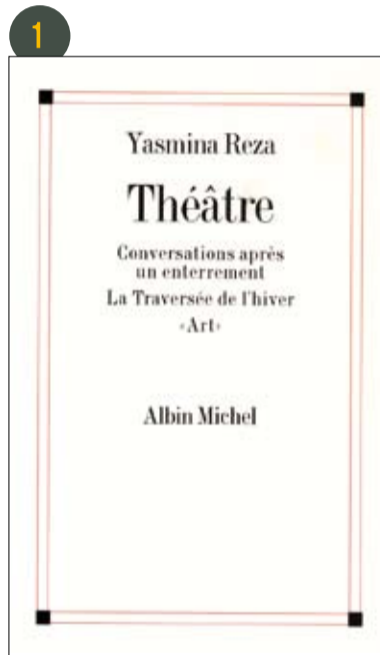
3 Lançamento de DVD – a Comédie Française e Jacques Lecoq

A Livraria do Teatro Nacional D. Maria II tem novamente disponível – agora com nova legendagem – o filme-documentário “Les Deux Voyages de Jacques Lecoq”, realizado por Jean-Noel Roy e Jean-Gabriel Carasso. O filme custa 29.90 euros, tem 175 minutos, e através dele será possível compreender melhor o Método Lecoq, para quem o corpo e o movimento estavam na base da construção da arte teatral. Jacques Lecoq (1921-1999) fundou, em 1956, uma escola que continua a ser ponto de passagem essencial para quem se interesse a fundo pelo desenvolvimento do trabalho do actor.

Entretanto, também disponíveis na Livraria estão várias produções da Comédie Française. Trata-se de uma colecção de DVD’s cujos preços oscilam entre os 29 e os 33 euros, e que contém encenações de criadores como Jonathan Miller, Roman Polanski, Nicole Gros, Robert Hossein, Patrice Chéreau ou Peter Brook. J.L.V.

4 TNDM faz edições próprias: Goldoni, 5 Jorge Guimarães e 6 Virgílio Almeida

Depois de “Criadas para Todo o Serviço”, de Carlo Goldoni (à venda por 7 euros), o Teatro Nacional voltou a editar peças de teatro, desta feita dois originais portugueses contemporâneos. “Vermelho Transparente”, de Jorge Guimarães, e “B.B. Bestas Bestiais”, de Virgílio Almeida, estão também disponíveis na Livraria do Teatro, pela módica quantia de 5 euros. As peças, que já foram levadas à cena – ambas na Sala Estúdio, com encenação de Rui Mendes e José Neves, respectivamente – movem-se no espaço das preocupações do público contemporâneo. “Vermelho Transparente” conta a história da vida de uma mulher psicologicamente perturbada, a quem um psicanalista ajudará – ou não – a reencontrar o seu caminho. “B.B. Bestas Bestiais” versa sobre o universo dos reality shows e coloca-nos perante uma sociedade predatória das vidas alheias.



MITE' 07

mostra internacional de teatro

Romeo and Juliet

LITUÂNIA

de William Shakespeare

encenação Oskaras Koršunovas

produção Oskaro Korsunovo Teatras

co-produção Avignon Festival (França)

Hebbel Theatre (Alemanha)

Arts and Ideas Festival (Estados Unidos da América)

THEOREM (Associação apoiada pela Culture 2000 – programa da União Europeia)

Fundação Lituana para o Apoio à Cultura e ao Desporto

Ministério da Cultura da Lituânia

16 e 17 de Julho 21h30

Sala Garrett

Apresentação conjunta do TNDM II /

Festival Internacional de Teatro de Almada

Goldoni Terminus

ITÁLIA > CROÁCIA > PORTUGAL

de Edoardo Erba, Rui Zink e Tena Štivičić

a partir de "Aventuras de Camila e Arlequim"

de CARLO GOLDONI

encenação Toni Cafiero

co-produção Teatro Nacional da Croácia "Ivan pl. Zajc" - Drame Italiano - Fiume |

Teatro Stabile da Sardegna - Cagliari | TNDM II | Bienal de Veneza

19 e 20 de Julho 21h30

Sala Garrett

A Midsummer Night's Dream

INGLATERRA

de William Shakespeare

encenação Patrick Hayter

produção Footsbarn Theatre

20, 21 e 22 de Julho 21h30

Vila Nova de Santo André (Largo do Mercado)

Em colaboração com a AJAGATO

Homme pour Homme

FRANÇA

de Bertolt Brecht

encenação Emmanuel Demarcy-Mota

produção La Comédie de Reims – CDN | Théâtre de la Ville - Paris

apoio CULTURESFRANCE

24 e 25 Julho 21h30

Sala Garrett

Em colaboração com Instituto Franco-Português,

inserido na programação de «Lisboa Teatro Cidade Aberta»

Back to the Roots

SUIÇA

encenação Michel Schröder

produção krautproduktion

co-produção Fabriktheater | Rote Fabrik Zürich

apoio Pro Helvetia | Fundação Suíça para a Cultura

24 e 25 de Julho 21h30

Teatro da Politécnica

Un Homme en Faillite

FRANÇA

texto e encenação David Lescot

produção La Comédie de Reims – CDN

co-produção Théâtre de la Ville | Le Festin - CDN de Montluçon |

Compagnie du Kaïros

apoio CULTURESFRANCE

ajuda DMOTS - Ministère de la Culture

participação Jeune Théâtre National

28 Julho 21h45

Sala Estúdio

Em colaboração com Instituto Franco-Português,

inserido na programação de «Lisboa Teatro Cidade Aberta»

ASSINATURAS MITE '07	Público Geral (-30%)	Jovens até 25 anos e + 65 anos (-50%)
3 espectáculos na Sala Garret	Plateia 31,50 €	22,50 €
A aquisição da Assinatura possibilita a aquisição de bilhetes para a Sala Estúdio e Teatro da Politécnica com 30% de desconto	1º Balcão 26,25 €	18,75 €
	2º Balcão 15,75 €	11,25 €
TNDM II - SALA GARRETT	Preço Normal	Jovens até 25 anos; + 65 anos; Assinantes Mite'07 (30%)
Romeo and Juliet	Plateia 15,00 €	10,50 €
Goldoni Terminus	1º Balcão 12,50 €	8,75 €
Homme pour Homme	2º Balcão 7,50 €	5,25 €
TNDM II - SALA ESTÚDIO	Plateia 10,00 €	7,00 €
Un Homme en Faillite		
TEATRO DA POLITÉCNICA	Plateia 10,00 €	7,00 €
Back to the Roots		
VILA NOVA DE SANTO ANDRÉ	Preço Único 5,00 €	(-)
A Midsummer Night's Dream		



Informações

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Praça D. Pedro IV, 1100-201 Lisboa
www.teatro-dmaria.pt

RESERVAS>

Reservas@teatro-dmaria.pt

Reservas> 21 325 08 35

Informações> 21 325 08 27